

# A crítica de Raymond Williams a Marshall McLuhan: a trajetória de um debate sobre as tecnologias da comunicação

## *Raymond Williams' criticism of Marshall McLuhan: the trajectory of a debate on communication technologies*

**Rodrigo Miranda Barbosa**

rmbdesign@gmail.com

Professor de Comunicação Social UFPE-CAA.

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar um resgate histórico de um embate entre os autores Raymond Williams e Marshall McLuhan a fim de esclarecer os pontos de divergência e de congruência a partir do debate sobre o determinismo tecnológico. Para isso, são analisadas resenhas, artigos e livros destes autores que referenciam diretamente o trabalho um do outro como elemento de crítica e reflexão. Conclui-se que as críticas de Raymond Williams em relação a McLuhan são importantes, mas que a solução dada pelo crítico deixa de lado o ponto central do debate do pesquisador canadense.

**Palavras-chave:** determinismo tecnológico, Marshall McLuhan, Raymond Williams, tecnologias da comunicação.

### Abstract

The paper aims to carry out a historical retrieval of a clash between authors Raymond Williams and Marshall McLuhan to clarify points of divergence and congruence on the basis of the debate on technological determinism. For this, reviews, papers and books by these authors are analyzed, in which they directly refer to each other's work as an element of criticism and reflection. It is concluded that Raymond Williams' criticisms of McLuhan are important, but the solution given by the critic leaves aside the central point of the Canadian researcher's debate.

**Keywords:** communication technologies, Marshall McLuhan, Raymond Williams, technological determinism.

## 1. Introdução

Raymond Williams e Marshall McLuhan tiveram a mesma formação em Letras pela Universidade de Cambridge, mas, se levássemos em conta apenas as críticas feitas um ao outro, este seria o seu único ponto em comum. Ao longo dos anos, suas trajetórias os colocaram, aparentemente, em lados opostos na compreensão sobre as relações entre as tecnologias (em especial as tecnologias comunicacionais) e a sociedade.

Estes autores marcaram a história do campo comunicacional para além de suas áreas de formação no campo da literatura. Williams, afastando-se do marxismo por

considerá-lo determinista, estruturou a crítica da cultura como elemento central de sua compreensão da sociedade. Nessa formulação da cultura, a comunicação aparece como um dos meios de produção da sociedade, recebendo lugar de destaque nos estudos de Williams, principalmente no livro *Televisão* (1974). Neste, discutiu as diferenças e similaridades entre a Inglaterra e os Estados Unidos no desenvolvimento, uso e conteúdo da televisão, sendo um dos seus trabalhos mais focados na discussão sobre a ação das tecnologias na sociedade. Por causa do seu trabalho, Williams é reconhecido como um dos principais fundadores da tradição dos *Estudos Culturais* em conjunto com Richard Hoggart, E. P. Thompson e Stuart Hall.

Em McLuhan, o debate sobre a tecnologia comunicacional começa na sua preocupação em colocar sob análise a cultura de massa e os efeitos da publicidade a partir do seu aparato teórico da literatura. Posteriormente, encontrou-se com importantes intelectuais, dentre eles, Harold Innis, que o ajudaram na guinada de sua atenção para os meios de comunicação como constituidores de ambientes sociais (Buxton, 2004). De acordo com McLuhan, é possível perceber um efeito amplo de mudanças sociais a partir do momento em que um novo meio de comunicação passa a ser utilizado em larga escala pela sociedade, mudanças que acontecem primeiro nas alterações de nossas percepções.

McLuhan atingiu o *status* de grande autor principalmente em razão do seu terceiro livro, *Understanding Media: The Extensions of Man* (1964), um trabalho sobre a transição pela qual a sociedade passava com o surgimento dos meios de comunicação elétricos, em especial a televisão, que adquiriu grande popularidade nos Estados Unidos nos anos 60, inaugurando uma nova era comunicacional. O livro vendeu mais de 100 mil exemplares (Gordon, 1997, p. 200), e McLuhan atingiu o estrelato internacional, a ponto de emplacar a expressão “o meio é a mensagem” como um jargão largamente conhecido. Na década seguinte, sua popularidade diminuiu vertiginosamente diante das críticas e de uma saturação midiática.

Na década de 1980, logo após a sua morte, o trabalho de McLuhan caiu no esquecimento. Voltou a ser recuperado a partir da década de 1990, quando novas tecnologias da informação despontavam e suas ideias tiveram atenção renovada. Muitos acreditavam que suas profecias das décadas anteriores agora faziam até mais sentido neste novo contexto de desenvolvimento da Internet.

Como Williams e McLuhan acabaram se encontrando em lados opostos da discussão sobre a relação entre os meios de comunicação e a sociedade? Analisaremos diversas peças de uma disputa que se iniciou ainda na década de 1960.

Williams, por exemplo, escreveu resenhas e livros comentando o trabalho de McLuhan, assim como McLuhan também citou e escreveu resenha sobre um livro de Williams. O embate entre eles reverbera até hoje no campo da Comunicação e fora dele. O objetivo deste artigo é realizar um resgate histórico desse processo, na tentativa de apontar pontos de divergência e de congruência entre Raymond Williams e Marshall McLuhan a partir do debate sobre o determinismo tecnológico.

A disputa entre eles sobre a importância das tecnologias comunicacionais nas sociedades tomou grandes proporções e cristalizou, em grande parte, a forma como McLuhan seria visto pela crítica até a atualidade: como um determinista tecnológico. Presença garantida nas discussões acadêmicas até os dias atuais, o resgate deste debate

pretende colaborar na compreensão de como se deu a construção dessa visão sobre o trabalho de McLuhan.

O artigo é estruturado em duas partes. Na primeira, ao problematizar os posicionamentos dos autores, apresentamos as armas utilizadas no embate. Na segunda parte, analisamos os efeitos desse conflito para a história do campo comunicacional.

## 2. As armas e o embate

O primeiro contato intelectual entre os dois autores, segundo Jones (1998), parece ter sido com a citação que McLuhan faz em *The Gutenberg Galaxy* (1962) do livro de Williams *Culture and Society*<sup>1</sup>. Em 1964, é Raymond Williams que tece comentários sobre a obra de McLuhan, mas desta vez em uma resenha considerada “cautelosa” (Jones, 1998) de *The Gutenberg Galaxy* (1962), de McLuhan. Além disso, o trabalho de McLuhan continuaria dentro do raio de preocupação de Williams de tal sorte que, após 10 anos, ele publicou o livro *Television: Technology and Cultural Form* (1974), em que dedica boa parte a criticar McLuhan e o determinismo tecnológico. Posteriormente, no livro *Marxism and Literature* (1977), continua tecendo comentários sobre o trabalho de McLuhan, assim como em *Cultura e materialismo* (Williams, 2011, p. 69-86), ainda que pontualmente. Diante das críticas, em 1978, McLuhan escreve a resenha de *Television* (1974), acusando Williams de escrever mais um livro sobre o conteúdo.

Diante destas peças<sup>2</sup>, nosso objetivo é analisar a crítica de Williams e a resposta dada por McLuhan, tendo como ponto central a acusação de determinismo tecnológico.

### 2.1 Raymond Williams – Primeira parte – A resenha de *The Gutenberg Galaxy* (1962)

O livro *The Gutenberg Galaxy* (1962) foi a primeira grande obra de McLuhan após a forte influência de Harold Innis, iniciada entre o meio e o final da década de 1940, quando ambos se conheceram na Universidade de Toronto e participaram de um seminário em conjunto (Buxton, 2004). Antes disso, McLuhan havia publicado *The Mechanical Bride* (1951), desenvolvendo, em grande parte, uma

1 Segundo Jones (1998), a citação que McLuhan faz do trabalho de Williams na caracterização dos romancistas é equivocada. McLuhan acaba fazendo o que muitos críticos já haviam apontado: traz para a discussão uma citação do autor, mas para encaixá-la no seu pensamento já predisposto. Ou seja, muitas vezes o que o autor diz é distorcido e utilizado para afirmar outra coisa, mas que se encaixa no sistema de pensamento de McLuhan.

2 Além dessas citações, há algumas outras, como a indicação de livros de McLuhan feita por Williams (1979a, p. 190-191) e no capítulo denominado “Meios de Comunicação como meios de produção”, em *Cultura e materialismo* (Williams, 2011, p. 69-86).

combinação dos seus mestres F. R. Leavis e Ivor Richards, ao fazer uma crítica moralista da sociedade a partir da publicidade americana.

No caso de *The Gutenberg Galaxy* (1962), McLuhan se volta para a análise da transição entre a oralidade, a escrita manuscrita e as consequências do desenvolvimento da prensa de Gutenberg na sociedade. O livro – contendo 3/4 de citações (Simon, 1969, p. 96) – não tem capítulos bem definidos, mas é separado por grandes citações ou frases de efeito de McLuhan, criando uma galáxia de exemplos justapostos que tentam apresentar o ambiente de mudança entre a oralidade e a escrita mecanizada, possibilitada pela prensa de Gutenberg.

Williams começa a sua resenha afirmando que havia lido o livro de McLuhan há mais de um ano e que ele voltava constantemente à sua mente. Afirma que estava “relutante” em escrevê-la e se encontrava em uma “dificuldade não usual”, mas que “I have no real doubt of the book’s importance” (1968, p. 216).

O problema, segundo Williams, é que uma resenha simples de um livro seria fazer o reconhecimento da originalidade do trabalho e ilustrar o argumento do livro, mas ele não queria fazer isso. “What seems to me to be necessary is to let the book’s substance sink into the mind, to take on the importance of an experience” (1968, p. 216).

A experiência que importa no livro seria a estrutura proposta por McLuhan, consistente em configurar a obra em torno de uma galáxia de exemplos sobre as propriedades da prensa. A estrutura do livro é de suma importância devido aos argumentos de que “the inherited procedures of an educated mind are conditioned by the properties of print, so that only by an effort of critical imagination can these properties be seen” (1968, p. 216). Ou seja, a forma de analisar um livro dar-se-ia por intermédio de uma mente educada pelo impresso; por isso a dificuldade de perceber essas características.

Só seria possível perceber tais efeitos e características justamente no momento de uma transição, quando estamos saindo de uma cultura baseada na prensa para uma cultura eletrônica “with its new or restored properties of simultaneous configuration”.

*The point of difficulty is then almost too simply seen: not only that the substance of the book is embedded in print, but that the normal reaction to it – given our present fields and procedures of advanced learning – will be in print also. Paradoxically, if the book works it to some extent annihilates itself (Williams, 1968, p. 217).*

A análise desenvolvida sobre as consequências do letramento e do impresso apresenta-se justamente no formato de livro impresso. E a própria crítica que Williams faria do livro seria ela também publicada em formato

impresso. Segundo Williams, McLuhan tem noção desse processo e propõe como saída o método mosaico. “The book is written as a series of aperçus, or, better (since the linear image of series is in part false), as a structure of insights” (1968, p. 217). Por tal método, então, seria possível fugir de uma linearidade imposta pelo meio de comunicação do livro e escrita.

O método denominado mosaico (Lamberti, 2012) consistia em não se prender a um ponto de vista fixo utilizando sondagens para analisar o real. McLuhan acreditava, assim, ser possível, com o uso de aforismos, metáforas e principalmente da justaposição de inúmeros exemplos, perceber padrões e relações significativas entre eles. A linguagem funciona como forma de pensar e de manter as análises em estado não definitivo e não linear.

O método estava em consonância com as mudanças trazidas pelos novos meios de comunicação elétricos, segundo McLuhan. Na nova era elétrica não era possível manter o ponto de vista fixo, quando os meios aboliram o espaço e o tempo, e a realidade se apresentava de forma não linear, fragmentada, mas, ao mesmo tempo, unindo as pessoas em um processo de interdependência. O jornal eletrificado pelo telégrafo e a televisão são os exemplos mais expressivos para que se possa refletir sobre o método, pois apresentam uma realidade formada por diversos aspectos, em uma ordem não linear. Deparamo-nos com notícias sobre os mais diferentes lugares do mundo, anúncios, ilustrações e afins sem uma ligação direta entre elas; o jornal nos apresenta um mosaico que temos que organizar e completar. Foi com esse intuito que McLuhan citou e congratulou o trabalho de Williams, como um exemplo de aplicação de um método não linear (1972, p. 363).

Williams aponta duas limitações para a solução apresentada por McLuhan. A primeira seria a inevitável consequência do impresso, em que os elementos ocorrem um item após o outro (de maneira “serial”) (1968, p. 217). A segunda limitação, considerada quase inevitável, é que McLuhan apropriou-se de autores que ele conheceu a partir do material impresso, dos seus livros. Isto é, ele utilizaria fontes impregnadas pela cultura impressa ao tentar escrever um trabalho não linear, ficando, então, limitado ao academicismo do impresso, que seria obviamente linear. Williams apoia e reverencia McLuhan pelo método mosaico empregado na tentativa de fugir da linearidade, mas conclui que como ele descreve as relações de causa e efeito continua sendo linear.

Para além das limitações do método mosaico, Williams ataca o determinismo tecnológico de McLuhan: o isolamento de um único fator (meios de comunicação enquanto tecnologias) como causa de desenvolvimento social. Assim, Williams considera as conclusões de McLuhan reducionistas, uma vez que apontam uma única causa para os efeitos descritos. “Print, like the price mechanism or

the accumulation of capital, becomes the dramatic hero” (1968, p. 218).

*[...] the pursuit of such evidence, in a linear way, might itself contradict the more significant perception, that the study of the relations of culture and communications leads us by sheer weight of evidence to thinking in terms of fields of forces rather than in terms of linear cause and effect (1968, p. 218).*

O próprio McLuhan estava limitado por outros fatores sociais determinantes. “But of course he is sufficiently limited by his culture (and by its emphases of law and copyright) to have to stabilize this procedure, in part, at assembly” (1968, p. 217).

Aqui, Williams aponta o seu projeto como solução para o problema da relação causa-efeito ao descrever as relações em termos de pressões e limites<sup>3</sup>. “That is to say, the perception of the great importance of print and its institutions commands us not to isolate them, but to return them to the whole field” (1968, p. 218). Ou seja, retornar os meios para uma compreensão mais global.

Apesar das críticas, a resenha tem um tom amistoso, e Williams elogiou o foco nos meios de comunicação e ficou na esperança de que McLuhan pudesse lidar com os problemas descritos em trabalhos futuros (Williams, 1968, p. 219).

Não foi o que aconteceu. Diante de *Understanding Media* (1964), Williams mudou o tom e passou a fazer críticas mais ferozes ao trabalho de McLuhan. O livro *Television* (1974) é o momento em que Williams se dedica a criticar a postura de McLuhan e propõe o seu método de análise da atuação dos meios de comunicação.

## 2.2 Raymond Williams – Segunda parte – *Television: Technology and Cultural Form* (1974) e *Marxism and Literature* (1977)

No livro *Televisão* (2016), Williams tenta estabelecer relações entre o contexto britânico e americano do desenvolvimento e uso da televisão. O capítulo que ficou mais famoso foi o que abria a discussão sobre o conceito de fluxo da programação televisiva em “Programação: distribuição e fluxo”. Os demais capítulos focam no propósito de Williams de desenvolver uma análise da televisão (e uma tipologia dos meios de comunicação) que seja uma oposição ao determinismo tecnológico e ao conceito que ele denomina de tecnologia determinada (2016, p. 139). É nesses capítulos que ele também elabora sua crítica do trabalho de McLuhan, a qual persiste até *Marxismo e*

*literatura* (1979b)<sup>4</sup> e em *Cultura e materialismo* (2011), com a acusação de determinismo tecnológico.

Logo no início do livro, Williams (2016) apresenta nove versões de como seriam as relações de causa e efeito da tecnologia na sociedade. Ele divide essas nove versões de determinismo em dois blocos. O primeiro bloco é composto de afirmações que são comumente utilizadas pelas pessoas para falar sobre tecnologia. Isto é, abstrai-se a tecnologia da sociedade, e por isso essas afirmações são rotuladas de determinismo tecnológico. Já no segundo bloco as afirmações levam em conta outros fatores no seu processo de desenvolvimento, sendo, assim, menos determinista.

A sua definição de determinismo tecnológico é a seguinte:

*De acordo com ela, as novas tecnologias são descobertas por um processo essencialmente interno de pesquisa e desenvolvimento, que define as condições para a mudança social e o progresso. O progresso, em particular, é a história dessas invenções que “criaram o mundo moderno”. Os efeitos das tecnologias, diretos ou indiretos, previstos ou imprevistos, seriam o resto da história (2016, p. 26).*

É possível perceber, na acusação que Williams desenvolve contra o determinismo tecnológico, três posicionamentos em relação à tecnologia: a) As tecnologias são o resultado de um processo social; b) O desenvolvimento das tecnologias não está predeterminado e não é determinado pelos criadores; c) A inevitabilidade da tecnologia funciona como argumento para grupos de pressão.

### a) As tecnologias são o resultado de um processo social

*1) A televisão foi inventada como resultado de pesquisas científicas e técnicas. Seu poder como meio de comunicação de notícias e de entretenimento tornou-se tão grande que alterou todos os meios de comunicação de notícias e de entretenimento anteriores (Williams, 2016, p. 24).*

A primeira crítica ao determinismo tecnológico é de que a tecnologia se apresenta como isolada do social; apareceria na sociedade advinda de fonte externa, pois as pesquisas científicas e técnicas não sofreriam influência do

3 A noção de limites e pressões foi projetada para combater o que Williams considerava o essencialismo do modelo marxista de base e superestrutura.

4 A crítica é a mesma que percebemos na seguinte afirmação: “Essa noção, em muitas formas diferentes, persistiu até mesmo em certa teoria, é considerado como determinante não só do ‘conteúdo’, daquilo que é comunicado, mas também das relações sociais dentro das quais a comunicação se processa. Nesse tipo influente de determinismo tecnológico (por exemplo, em McLuhan) o ‘meio’ é (metafisicamente) o senhor” (Williams, 1979b, p. 159).

social, ignorando o elemento humano no processo. O que Williams parece criticar é a relação direta entre tecnologia e um efeito, sem levar em conta outros fatores de resistência social. Isto é, a sociedade está ausente da relação. E seus defensores fariam afirmações como “A televisão mudou o mundo”.

O que lhe interessa é o processo que fez uma tecnologia se transformar em “available technology” (Williams, 2015), a saber, as decisões e os grupos de pressão que interferiram no processo de desenvolvimento e implementação de determinada tecnologia. As tecnologias são fruto de um processo social conduzido por decisões de pessoas e grupos com intenções, e não a partir de uma lógica interna da própria tecnologia. Ainda, esses grupos fazem parte de um contexto social mais amplo de mudança que, ao mesmo tempo, cria a necessidade e o espaço para aquela tecnologia (Freedman, 2002, p. 429).

*b) O desenvolvimento das tecnologias não está predeterminado e não é determinado pelos criadores*

De acordo com Williams, a tecnologia do rádio, quando inventada, não impunha o modelo de difusão de um-paramuitos, unidirecional e de “massas”. Foram sucessivas decisões e embates exercidos com grupos de pressão que modificaram a implantação dessa tecnologia. O modelo de difusão estabelecido nos Estados Unidos deu-se menos pelos fatores tecnológicos que por grupos de pressão.

Williams quis demonstrar com isso que existiam alternativas a esse modelo vigente, criando uma oposição aos argumentos do determinismo tecnológico. Segundo Val Dusek, esse tipo de proposição foi construído para “demonstrar que havia disponibilidade de direções alternativas para o desenvolvimento da tecnologia e que foi feita uma escolha socialmente influenciada” (2009, p. 137). É a disputa entre diferentes grupos que define os rumos do desenvolvimento das tecnologias. A promessa democratizante e revolucionária vista em muitas tecnologias pode ser totalmente anulada conforme a tecnologia é implementada pela sociedade, em grande parte seguindo um determinado caminho após embates com grupos de interesse.

Um dos casos clássicos e referenciados por diversos autores da linha da Construção Social da Tecnologia (SCOT – *Social Construction of Technology*) é o do Minitel. Trata-se de um dispositivo técnico de comunicação francês que rivalizou com a Internet e foi projetado para servir de catálogo telefônico, mas que ao longo do tempo ganhou outras funções, desenvolvidas pelos seus usuários e não previstas pelos criadores.

Dessa forma, Williams também é contra a ideia de uma tecnologia determinada pelos criadores. As tecnologias seriam socialmente determinadas por inúmeros fatores ao longo do processo.

*[...] fatores determinantes reais – a distribuição de poder ou de capital, a herança social e física, as relações de escala e de tamanho entre grupos – colocam limites e exercem pressões, mas não controlam nem preveem completamente o resultado de uma atividade complexa nesses limites, sob ou contra essas pressões (Williams, 2016, p. 139).*

Esses fatores exercem limites e pressões, mas não controlam o processo por completo. Ou seja, até a determinação de um grupo de pressão específico é questionável. O modelo ideal para Williams é um sistema democrático de comunicação que permita compartilhar a experiência humana, diferentemente do seu uso como modelo de negócio, que é muitas vezes financiado por publicidade. Isso implica o direito do cidadão de utilizar um modelo de duas vias em que não se é apenas receptor, mas transmissor também, em que “the active contributors have control of their own means of expression” (1979a, p. 134).

*c) A inevitabilidade da tecnologia funciona como argumento para grupos de pressão*

O argumento do determinismo tecnológico apresenta as soluções tecnológicas como inevitáveis. O lema “adapte-se ou morra”, típico do empreendedorismo contemporâneo, é aplicado na afirmação de que o desenvolvimento tecnológico é inevitável e que a nossa única opção é adaptar-nos. As “soluções” passam a ser vendidas como “técnicas”, em vez de políticas, para demonstrar a impossibilidade de direcionamentos alternativos; sendo assim, elas são utilizadas pelos grupos de pressão como forma de direcionar regulações e desregulações nas implementações das tecnologias. Trata-se de um argumento de marketing: “The sense of some new technology as inevitable or unstoppable is a product of the overt and covert marketing of the relevant interests” (Williams, 2015).

Isso não significa que Williams era contrário ou pessimista em relação ao desenvolvimento das tecnologias. Fazer isso seria estar em conluio com os grupos de pressão que desejam conservar as suas posições estratégicas contra novas tecnologias que poderiam alterar os seus negócios lucrativos, isto é, uma “[...] tacit alliance with the defenders of old privileged and paternalist institutions” (Williams, 2015)<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Segundo Freedman (2002, p. 433), Williams possivelmente estava direcionando essa crítica aos membros do Partido dos Trabalhadores britânico que foram contra a adoção da comunicação por cabo e satélite por causa de uma posição antiamericana. Podemos perceber isso no medo descrito por Williams: “[...] but many apparent radicals, who are agreed that the new technologies are a major threat. Cultural conservatives are saying, in that once elegant argot, that cable television will be the final opening of Pandora’s Box, or that satellite broadcasting will top out the Tower of Babel” (Williams, 2015).

Compreendendo como Williams refletiu sobre a participação das tecnologias da comunicação como *meios de produção* (2011) na sociedade, é possível estabelecer o seu lugar de fala quando desenvolve suas críticas ao trabalho de McLuhan.

### 2.3 Raymond Williams – A crítica contra Marshall McLuhan

As críticas endereçadas a McLuhan são movidas em grande parte a partir dos três posicionamentos que Williams descreveu sobre a tecnologia. Mas outras são colocadas como divergências no conteúdo e/ou método empregado, assim como na responsabilidade de McLuhan enquanto autor.

O livro *Televisão* (2016) teve grande impacto por causa da crítica ao determinismo tecnológico e nominalmente à figura de McLuhan como símbolo-alvo. A importância dessa crítica é vista, por exemplo, pelos autores do prefácio do livro em suas várias edições, como em Graeme Turner (2016, p. 9) e Roger Silverstone (2016, p. 16).

A crítica feita no livro, e em especial aquela direcionada a McLuhan, tem dois objetivos. Primeiro, destruir o argumento de um determinismo tecnológico. Segundo, desmontar a forma com que grupos específicos de poder e capital utilizam o argumento do determinismo tecnológico enquanto ideologia.

A primeira acusação, como já referenciamos na primeira peça, refere-se à forma como McLuhan isola um fator (meios de comunicação enquanto tecnologias) como causa. Ela ganha eco na imputação de que McLuhan seria representante de um certo tipo de formalismo.

*O trabalho de McLuhan foi a culminação particular de uma teoria estética que se tornou, negativamente, uma teoria social: o desenvolvimento e a elaboração de um formalismo que pode ser visto em vários campos, da crítica literária e da linguística à psicologia e à antropologia, mas que adquiriu influência popular mais importante em uma teoria do isolamento dos “meios de comunicação” (Williams, 2016, p. 136).*

Tal acusação atinge diretamente as bases da formação em crítica literária de McLuhan em Cambridge. O formalismo é um *approach* que pretende analisar as propriedades estruturais intrínsecas de um texto sem levar em conta outras influências, como o contexto ou a história de vida do autor.

Ivor Richards, um dos mestres de McLuhan em Cambridge, entregava poemas sem os nomes dos autores para seus alunos e pedia que estes fizessem análises sobre eles. Isto é, destituía-se, assim, a história dos autores, suas intenções e a ideia de obras-primas, não mais olhando para

a poesia como a expressão de um período histórico, da vida pessoal do poeta ou como uma declaração da verdade embelezada por todos os tipos de recursos poéticos. Na opinião de Richards, segundo Marchand (1989, p. 33), um poema é simplesmente uma forma suprema de comunicação humana, pois o leitor analisa o poema para saber como ele consegue os seus efeitos, que são comunicar uma experiência. F. R. Leavis, outro importante professor em Cambridge que também foi mestre de Williams<sup>6</sup> e McLuhan, acreditava que a crítica deveria ser exercida não apenas para analisar a literatura, mas também o ambiente social. Este foi o ponto de ligação para McLuhan aplicar as técnicas de “*close reading*” para a análise da cultura popular, em especial da publicidade, como fez em *The Mechanical Bride* (1951)<sup>7</sup>; ou seja, extrapolando o universo do texto. Ademais, diferentemente de McLuhan, Williams critica veementemente a publicidade, pois ela é um entrave para o projeto de Williams de desenvolver habilidades de análise crítica junto à população.

As técnicas aprendidas em Cambridge são expandidas para a análise dos meios de comunicação, a partir das suas características específicas, levando Williams a imputar-lhe o formalismo. A acusação de formalismo é uma maneira de criticar o determinismo, mas também o dito vanguardismo estético de McLuhan (Jones, 1998, p. 435).

A estrutura de *Insights* (título dado para a resenha de *The Gutenberg Galaxy* feita por Williams) é o uso que McLuhan faz de suas sondas (*probes*<sup>8</sup>) como uma experimentação estética, como uma forma de ter um diagnóstico da sociedade a partir de múltiplos exemplos e pontos de vista. Williams critica McLuhan por apenas praticar a experimentação estética e deixar de refletir e compor um discurso teórico sobre a estética.

*É um determinismo tecnológico aparentemente sofisticado, que tem o importante efeito de indicar um determinismo social e cultural: um determinismo que, podemos dizer, ratifica a sociedade e a cultura que temos agora, especialmente seus direcionamentos internos mais poderosos. Se o meio de comunicação – a imprensa ou a televisão – é a causa, todas as outras causas, todas aquelas*

<sup>6</sup> Williams também se apoia em Leavis no seu primeiro livro *Reading and Criticism* (1950), mas desenvolve uma crítica ao uso elitista do conceito de cultura de massa, ainda que não abrace a ideia de uma cultura popular (Jones, 1998, p. 426).

<sup>7</sup> O livro é também, ao mesmo tempo, um afastamento de vários princípios de F. R. Leavis, como, por exemplo, uma hostilidade à modernidade que teria quebrado a comunidade orgânica e as formas da cultura popular.

<sup>8</sup> Entendendo as sondagens enquanto ferramentas de análise, ou como pequenas expressões provocadoras do pensamento, como “o meio é a mensagem”, os aforismos e metáforas de McLuhan configuram, diz Dean Walker, a situação de que “[...] to Marshall, a question is only a ball to be tossed in the air” (Walker, 1968, p. 68), ou seja, experimentações temporárias para criar elementos para o debate.

*que os homens habitualmente entendem como história, estão imediatamente reduzidas a efeitos. De modo semelhante, o que em outras pesquisas é visto como efeito, e nessa condição sujeito ao questionamento social, cultural, psicológico e moral, está excluído como irrelevante por comparação com os efeitos fisiológicos diretos – e, por isso, psíquicos – dos meios de comunicação. A formulação inicial – “o meio é a mensagem” – era um simples formalismo. A formulação seguinte – “o meio é a mensagem” – é uma ideologia direta e funcional (Williams, 2016, p. 136).<sup>9</sup>*

Sua pesquisa tinha se transformado em ideologia a serviço dos grupos de pressão, a fim de influenciar as decisões sobre os rumos das tecnologias. Era isso que Williams criticava na postura de McLuhan ao dizer que suas ideias se transformaram em ideologia ligada aos grupos poderosos.

*Não é surpreendente que essa conclusão tenha sido bem recebida pelos “homens dos meios de comunicação” das instituições existentes. Ela dá o verniz de teoria vanguardista às versões mais rudimentares de interesse e práticas existentes e condena todos os críticos a uma irrelevância pré-eletrônica. Então, o que começou como um puro formalismo e especulação acerca da essência humana termina como teoria e prática social operativas, no coração das instituições de comunicação mais dominadoras e agressivas do mundo (Williams, 2016, p. 137-138).*

A teoria de McLuhan vira um *slogan* para a venda de uma sociedade tecnológica utópica da aldeia global, ou seja, uma teoria estética que virou “uma teoria social” (2016, p. 136). Enquanto McLuhan dessocializaria os meios de comunicação, Williams quis tratar o sistema de difusão – *broadcast* – justamente como uma instituição social. Foi essa a oposição que ele percebeu entre o seu trabalho e o do professor canadense.

#### 2.4 A resposta de McLuhan na resenha de *Television* (1974)

Após a publicação de *Television* (1974), McLuhan decidiu escrever uma resenha sobre o livro, rebatendo as críticas que Williams havia feito. A resenha publicada é uma mistura de citações de Williams com respostas breves juntamente com novas proposições, utilizando o formato da resenha como uma máquina de pensar.

A resenha começa colocando o objetivo do livro de Williams em questão. O objetivo seria o seguinte: “[...]”

this book is an attempt to explore and describe some of the relationships between television as a technology and television as a cultural form” (1978, p. 1). McLuhan faz sua crítica mais dura logo no início ao dizer que Williams não consegue chegar ao objetivo e que o livro estaria, “like all the books on media, mainly concerned with the program content as the only source of ‘effects’” (1978, p. 259).

McLuhan não está errado na sua acusação. Apesar da promessa de fazer uma análise que contemple “the whole field”, Williams não consegue escapar dos mesmos problemas ao considerar determinadas variáveis como mais importantes que outras. A título de exemplo, não considera os potenciais das tecnologias, focando sempre nos aspectos econômicos e de pressão social.

De acordo com McLuhan (1978, p. 260), Williams admite que a tentativa de descrever as causas tecnológicas da televisão é muito difícil e que qualquer um perceberia isso ao tentar perseguir essas causas. Williams nem tenta fazer isso, segundo McLuhan, apresentando apenas uma breve “social history of television as a technology”, o que inclui a “social history of the uses of television technology”. Além disso, ao analisar o exemplo específico do modelo de difusão do rádio, Williams voltava a se limitar ao conteúdo dos programas.

Logo em seguida, McLuhan apresenta a análise que Williams desenvolve da televisão, bem como o que o crítico canadense denomina de “hardware approach” para descrever tanto a televisão quanto o rádio. Ao se preocupar apenas com o *hardware*, deixa de lado a análise estética do meio, como aponta McLuhan: “To suggest that the television image has anything in common with the movie image is very disappointing, indeed, and suggests a lack of elementary aesthetic analysis” (1978, p. 261).

Na sequência, McLuhan discute os estudos de Tony Schwartz sobre a televisão em que observa a forma com que a televisão interage com o sensorio da visão. É esse tipo de análise que ele percebe como ausente na proposta de Williams: “The direct effect of TV or, for that matter, any other medium on the human sensory response, and alterations in the bias of the entire sensory system, is not a matter that interests Williams or very many other students of the media” (1978, p. 261).

Por fim, outra crítica de McLuhan é o uso do conceito de massa na concepção de comunicação de massa, como é empregado por Williams. O conceito de massa não se refere à quantidade de pessoas, afirma McLuhan, mas ao processo de simultaneidade de comunicação.

*Williams fails to note that the key to “mass” is simultaneity rather than quantity and that mass man is nuclear or electronic man, beginning, of course, with the tele-*

<sup>9</sup> É o mesmo que Williams iria afirmar sobre o conceito de Aldeia Global (Williams, 2015).

*graph and its power to create daily a world mosaic of items under a single dateline (1978, p. 260).*

Em suma, na resenha, McLuhan não se defende da acusação de formalismo e determinismo tecnológico, mas sublinha importantes pontos de discordância em relação ao projeto de Williams, colocando-o em oposição ao seu próprio trabalho, deixando claro que ele não focava suas análises no conteúdo dos meios de comunicação, mas na relação sensorial que desenvolvemos com estes.

### 3. Considerações finais

Desde a primeira citação de McLuhan (1962) ao trabalho de seu colega de Cambridge até 1988, com o falecimento de Williams, houve uma intensa disputa intelectual entre os dois autores.

O projeto de Raymond Williams aproxima-o da Construção Social da Tecnologia (Wiebe Bijker, Trevor Pinch, dentre outros), dado que leva em consideração diversos fatores, como agentes de pressão e limites no desenvolvimento e uso das tecnologias, demonstrando, desta feita, a existência de alternativas tecnológicas desde a criação das tecnologias. Williams pretende, assim, resgatar a ideia de intencionalidade no desenvolvimento da tecnologia, argumentando que a tecnologia sofre a influência do social.

É fácil perceber que a crítica de Williams é extremamente pertinente no contexto contemporâneo, onde o discurso do determinismo tecnológico e da inevitabilidade da tecnologia é um argumento largamente utilizado por grupos sociais que procuram direcionar os rumos das tecnologias. De outro lado, o tom da crítica de Raymond Williams, juntamente com diversos outros autores, após o rótulo de determinista tecnológico em McLuhan, implicando a desconsideração por completo de seu trabalho em diversos casos. Conforme descreve Nick Stevenson, o bebê estaria sendo jogado fora junto com a água do banho:

*And yet, while all this is true up to a point, I am left with the impression that the baby is being thrown out with the bathwater. While the cultural critics are correct to point to the limitations of McLuhan's analysis, their own concerns also contain certain allusions. Critical analysis within mass communication since McLuhan has paid very little attention to those questions which could be deemed central to his engagement (Stevenson, 2002, p. 130-131).*

O conceito de determinação de Williams acaba não resolvendo a questão, pois considera que todas as determinações possuem um mesmo peso. Conforme descreve Eagleton, “determinations are not symmetrical: that in

the production of human society some activities are more fundamentally determining than others” (Eagleton, 1989, p. 169 *apud* Freedman, 2002, p. 435).

McLuhan estava chamando a atenção para algo que poucos estavam fazendo e que Williams acaba por não fazer também, apesar de apontar sua importância, tendo reduzido as escolhas técnicas a um jogo de poder, sem pensar nas consequências dos usos das tecnologias. A crítica que é dirigida aos membros da SCOT também pode ser endereçada ao trabalho de Williams. Estes produzem uma narrativa social das tecnologias, demonstrando como elas chegaram ao estágio atual a partir dos diversos grupos e atores sociais, mas sem elucidar as consequências dos seus usos. Essa é a originalidade do pensamento de McLuhan: chamar a atenção para a não neutralidade das tecnologias, em especial dos meios de comunicação, principalmente pelos seus usos e não somente pelas intencionalidades do seu desenvolvimento histórico e do jogo de poder.

Podemos discordar da relação de efeitos que ele elenca, mas a questão da não neutralidade dos meios de comunicação bem como a importância essencial desses meios para compreender a organização do ambiente social são pontos fundamentais para McLuhan, no nosso entendimento. É o que torna possível percebê-lo não como um autor isolado, mas, junto com Harold Innis, como formador de uma escola de pensamento denominada muitas vezes de Escola de Toronto de Comunicação, ou Teoria do Meio (*Medium Theory*) ou Ecologia dos Meios (*Media Ecology*).

Em nosso ponto de vista, as divergências entre Williams e McLuhan poderiam ser atenuadas se considerássemos que Williams escolhe a cultura como fator-chave de compreensão da sociedade, enquanto McLuhan escolhe a comunicação, colocando as tecnologias da comunicação como elemento central da sua análise. Sendo assim, a própria acusação de determinismo poderia ser vista, na verdade, sob um ponto de vista disciplinar<sup>10</sup>.

### Referências

- BARBOSA, Rodrigo; MARTINO, L.C. 2014. Do Determinismo Tecnológico à Determinação Teórica. In: XII CONGRESSO ALAIC, 2014, Lima. XII Congresso ALAIC, vol. 1, p. 1-21.
- BUXTON, W.J. 2004. The “Values” Discussion Group at the University of Toronto, February-May 1949. *Canadian Journal of Communication*, [S.l.], 29(2), Feb.
- DUSEK, Val. 2009. *Filosofia da Tecnologia*. São Paulo, Edições Loyola.
- FREEDMAN, Des. 2002. A “Technological Idiot”? Raymond Williams and Communications Technology. *Information, Communication and Society*, 5(3):425-442.
- GORDON, T. 1997. *Marshall McLuhan: Escape into Understanding: A Biography*. New York, Basic Books.

<sup>10</sup> Ver nossa posição em Barbosa e Martino, 2014.



- JONES, P. 1998. The Technology is not the Cultural Form?: Raymond Williams's Sociological Critique of Marshall McLuhan. *Canadian Journal of Communication*, [S.l.], 23(4), Apr.
- LAMBERTI, Elena. 2012. *Marshall McLuhan's Mosaic: Probing the Literary Origins of Media Studies*. Toronto, University of Toronto Press.
- MARCHAND, Philip. 1989. *Marshall McLuhan: The Medium and the Messenger*. New York, Random House, 320 p.
- McLUHAN, Marshall. 1972. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo, CEN.
- McLUHAN, Marshall. 1960b. *O meio são as mensagens*. Rio de Janeiro, Record
- McLUHAN, Marshall. 1969. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix.
- McLUHAN, Marshall. 1978. "Raymond Williams, Television: Technology and Cultural Form" (Book Review). *Technology and Culture*, 19(2):259-261, Apr.
- McLUHAN, Marshall. 1962. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto, University of Toronto Press.
- McLUHAN, Marshall. 1964. *Understanding Media: The Extensions of Man*. London, Routledge & Kegan Paul.
- SIMON, J. 1969. Pilgrim of the Audile-Tactile. In: R. ROSENTHAL (ed.), *McLuhan: Pro and Con*. New York, Penguin, p. 93-99.
- STEVENSON, N. 2002. *Understanding Media Cultures: Social Theory and Mass Communication*. London, SAGE.
- WALKER, Dean. 1967/1968. Executives who want this man's insights will get them only on his own terms. In: Gerald Emanuel STEARN (ed.), *McLuhan: Hot and Cool*. New York, Dial Press, 1967; London, Penguin, 1968, p. 67-77.
- WILLIAMS, Raymond. 1979a. *Communications*. Harmondsworth, UK, Penguin Books.
- WILLIAMS, Raymond. 1968. "A Structure of Insights" [Resenha de *The Gutenberg Galaxy de Marshall McLuhan*]. In: G. STEARN (ed.), *McLuhan: Hot and Cool*. Harmondsworth, Penguin, p. 216-219. [Original em *University of Toronto Quarterly*, vol. 33, nº 3, April 1964, p. 338-340].
- WILLIAMS, Raymond. 2011. Meios de comunicação como meios de produção. In: *Cultura e materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo, Editora Unesp, p. 69-86.
- WILLIAMS, Raymond. 1974. *Television: Technology and Cultural Form*. London, Fontana.
- WILLIAMS, Raymond. 1977. *Marxism and Literature*. Oxford, Oxford University Press.
- WILLIAMS, Raymond. 1979b. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar.
- WILLIAMS, Raymond. 2016. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo, Boitempo.
- WILLIAMS, R.; MCGUIGAN, J. 2015. *Raymond Williams: A Short Counter Revolution – Towards 2000 Revisited*. [E-book]. London, SAGE. Paginação irregular.

Artigo submetido em 31-05-2020

Aceito em 25-01-2021